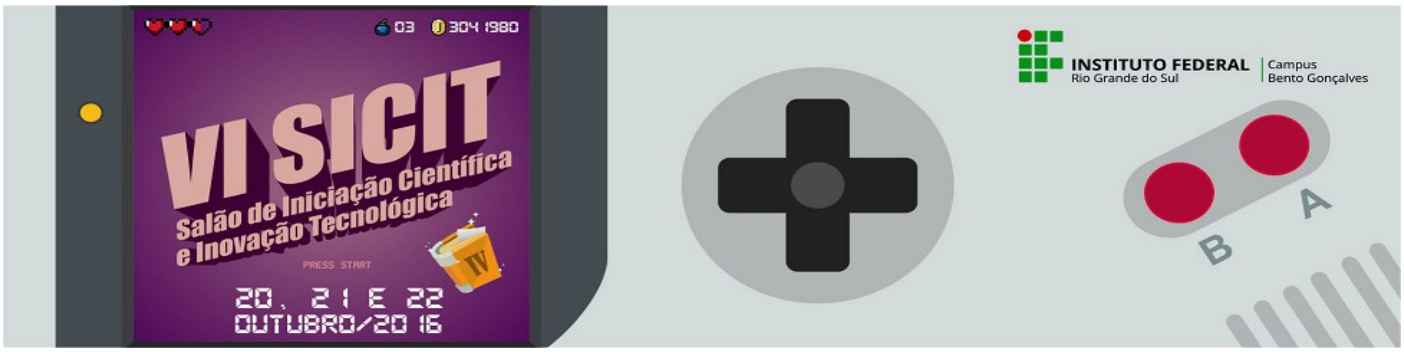


A SUBORDINAÇÃO FEMININA [?] E A EDUCAÇÃO NA CONSTRUÇÃO SOCIAL

GHELLER, P.[1]; CAMARGO, E. C.[2]

RESUMO: Esse artigo tem como objetivo analisar as concepções de gênero presentes na literatura, buscando identificar suas concepções de masculino e de feminino. Durante muito tempo a educação formal foi privilégio do sexo masculino e as mulheres geralmente estavam diretamente relacionadas com os afazeres domésticos, o cuidado com o lar e com o outro. Contudo, o mercado de trabalho se abriu ao mundo feminino possibilitando a participação das mulheres no espaço público. Diante disso, as questões de gênero emergem como debate central na sociedade num enfrentamento ao patriarcado. Levando isso em consideração, esta pesquisa busca trazer à tona as concepções de gênero, refletindo sobre as práticas educativas e os discursos que nos constituem homens e mulheres. Então, torna-se possível um outro olhar sobre o processo educativo e sobre os sujeitos da educação, aprimorando a prática educativa e desmistificando os conceitos pré-estabelecidos.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Feminismo. Grupos de Discussão. Patriarcado.

1 INTRODUÇÃO

A sociedade delimita os papéis dos homens e das mulheres, onde a mesma deve frequentar, o que vestir, como se portar, os locais que frequentar, os horários que deve transitar em espaços públicos com segurança e a necessidade de companhia masculina para evitar qualquer forma de abuso. E para os homens, que área eles devem seguir, o papel de provedor da casa, a responsabilidade de sustentar uma família; essa subdivisão de papéis gera uma hierarquia que os homens exercem sobre as mulheres, chamado de sistema patriarcal.

Sistema patriarcal se caracteriza pela tentativa de definir a inferioridade da mulher, como sendo natural. Estabelecendo papéis e espaços diferenciados, as mulheres devem cuidar

[1] Estudante, Curso de Licenciatura em Física, IFRS Campus Bento Gonçalves, Av. Osvaldo Aranha, 540, CEP 95.700-206, Bento Gonçalves, RS, paulagheller1@gmail.com.
[2] Pedagogo, Prof. Doutor, IFRS Campus Bento Gonçalves, Av. Osvaldo Aranha, 540, CEP 95.700-206, Bento Gonçalves, RS, edson.camargo@bento.ifrs.edu.br.

da casa, do bem estar do marido, da criação e educação dos filhos. Papel do lar, imposto a elas, pelo simples fato de sua capacidade de serem mães.

Diante desse contexto e considerando a necessidade de debates constantes que tenham como foco as relações de gênero e a sexualidade, relacionando-as com o processo educativo, elaborou-se o presente estudo buscando na revisão de literatura analisar os discursos dess@s professr@s numa tentativa de identificar suas concepções de masculino e de feminino.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Este estudo trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa e de caráter exploratório, que conforme Gil (2007), permite ao pesquisador uma maior visibilidade sobre o tema estudado, oferecendo respostas aos questionamentos iniciais, assim como novas suposições e ideias que não foram anteriormente pensadas.

Como percurso metodológico, optamos pela pesquisa bibliográfica, utilizando os conceitos das teorias feministas embasadas nas obras de Scott (1998, 2011), Safiotti (1995, 2004) e Luz (2009). Utilizaremos ainda, o método documentário proposto por Karl Mannheim, em sua Sociologia do Conhecimento. De acordo com Bohnsack (2010), o método documentário desloca a interpretação do modo o que para o como. Sendo assim, a tarefa de quem pesquisa ultrapassa o sentido de explicar a realidade para analisar como é constituída a realidade em que os sujeitos estão inseridos. Sendo uma pesquisa ainda em construção, este estudo é essencial para a realização da próxima etapa; a qual será inserida os grupos de discuções.

3 ANÁLISE DOS DADOS

Dentre as análises sobre gênero, aquela que relaciona os fatores biológicos ao seu conceito remonta aos primeiros estudos quando o assunto são as relações de gênero. Na década de 1960, momento em que desponta a segunda fase do feminismo, uma corrente muito forte considerou o gênero como a distinção entre masculino e feminino, tomando por base os fatos da biologia. Neste cenário, Nicholson (2000) menciona a existência do "fundacionismo biológico", no qual coexistem corpo, personalidade e comportamento em relações

consideradas como acidentais em contraposição ao determinismo biológico, ou seja, que a biologia determina os aspectos da personalidade e do comportamento. O "fundacionismo biológico" se afasta do determinismo por permitir que os dados biológicos coexistam com os aspectos da personalidade. Dessa forma, o fundacionismo biológico tornou-se um obstáculo à verdadeira compreensão das diferenças entre homens e mulheres, generalizando o conceito de identidade sexual e vinculando-a ao que é específico de uma determinada cultura.

Contudo, tanto determinismo como fundacionismo ainda relacionam o gênero às questões biológicas, contribuindo para o que é chamado de naturalização dos gêneros, baseados nas concepções biologizantes de ser homem e ser mulher, resultando na construção de papéis dicotomizados. Frente a isso estão as representações de masculino e feminino que, para Carvalho & Tortato (2009), são determinadas socialmente para homens e mulheres, baseadas em uma visão dicotômica e binária, em que aparecem, em contraposição, estereótipos, como racionalidade/sensibilidade, dominação/passividade, cérebro/coração, público/privado.

A superação da concepção dualista torna-se essencial para que sejam possíveis outros pensares sobre as relações de gênero, como o faz Giffin (2006) ao problematizar a natureza androcêntrica da ciência salientando a importância de que o "movimento de mulheres [...] almejou um autoconhecimento e uma transformação do lugar das mulheres: uma proposta de saber e poder" (p. 636).

Joan Scott (2011) em seu artigo clássico denominado Gênero: uma categoria útil para análise histórica, critica os historiadores que se propuseram a contar a história das mulheres, mas não se distanciaram das abordagens tradicionais das ciências sociais, acarretando uma abordagem essencialmente descritiva para o que se considera gênero. Ao apresentar uma abordagem histórica para a necessidade que se tem de buscar sempre um significado para as coisas, Scott traça o seu discurso acerca do conceito de gênero fazendo recortes relevantes sobre o uso inadequado do conceito e o modo como esteve relacionado a traços de caráter ou traços sexuais.

Nesse sentido, a autora salienta que a utilização do termo gênero é recente, "como uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos" (p. 72), abandonando a ideia, assim como o faz Linda Nicholson, de que o determinismo biológico é o principal responsável pela distinção entre homens e mulheres, pois, ao debater sobre a condição da mulher, torna-se necessário debater também sobre a condição do homem, uma vez que ambos estão envolvidos em uma noção relacional de gênero.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sistema capitalista de construção de vida faz com que, além de cuidar dos afazeres domésticos as mulheres tenham uma jornada de trabalho, variando conforme sua classe social.

Recebendo menores salários que os homens, em piores condições de trabalho.

Em pesquisas realizadas por Saffioti (2004) é possível verificar que as relações de gênero podem ser consideradas enquanto papeis dicotomizados, deixando de fora as relações de gênero e poder e não explicando como os papeis são definidos e quem os determina. Se o homem é forte, a mulher é fraca. Se o homem é bruto, a mulher é sensível. Esta condição não define quem explica os papeis sociais desempenhados por homens e mulheres. O que se entende é que o patriarcado tenha influência sobre a definição das relações, uma vez que os homens são sempre os que podem mais. Nesse ínterim não são levadas em consideração as diferenças de classe, etnia e idade. Gênero precisa ser considerado então enquanto pluralidade, ponderando uma série de relações que circundam a questão, abandonando a visão dicotômica da divisão de papeis.

5 REFERÊNCIAS

BOHNSACK, Ralf; WELLER, Wivian. O método documentário na análise de grupos de discussão. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (org.). **Metodologia da pesquisa qualitativa em educação:** teoria e prática. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 67-86.

CARVALHO, Marília Gomes de; TORTATO, Cíntia de Souza Batista. Gênero: considerações sobre o conceito. In: LUZ, Nanci Stancki et all (org). **Construindo a igualdade na diversidade:** gênero e sexualidade na escola. Curitiba: UTFPR, 2009.

GIFFIN, Karen Mary. Produção do conhecimento em produção do conhecimento em um mundo "problemático": contribuições de um feminismo dialético e relacional. **Revista Estudos Feministas**, v.14, n. 3, p. 635-653, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Estudos feministas,** v. 8, n. 2, p. 9, 2000.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho.** São Paulo: Moderna, 2004.

SCOTT, Joan Wallach. **"Gênero: uma categoria útil de análise histórica"**. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995.